

Mau Tempo no Canal e O Tempo e o Vento: um paralelo.

Clique nas imagens para ampliar

Autor(a): Luiz Antonio de Assis Brasil | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Língua e Literatura

Subtema: Literatura Açoriana

Referência geográfica do conteúdo: Porto Alegre, Brasil

Data de publicação: 01/10/2008

Referência da Primeira Publicação:

Escritos Açorianos: a viagem de regresso. Lisboa: Salamandra, 2003

Línguas disponíveis: Português



Vitorino Nemésio (1901-1978)

RESUMO

O propósito deste texto é estabelecer um paralelo entre a figura do herói romanesco tal como aparece na obra **Mau Tempo no Canal** (1944), de Vitorino Nemésio (1), e na trilogia **O Tempo e o Vento** [- O Continente, II - O Retrato, III - O Arquipélago] (1949-1963) do escritor brasileiro Erico Veríssimo (2) (1900-1975).

CONTEÚDO

Separadas geograficamente, as obras **O Tempo e o Vento** e **Mau Tempo no Canal** entretanto possuem sensíveis pontos em comum, dos quais sobressaem: 1. Pertencem ao mesmo período estético-literário; 2. adquiriram grande e imediata notoriedade do público e da crítica; 3. circunscrevem a trama e as motivações ficcionais a um certo espaço regional, distante da metrópole; 4. retratam a vida de certas famílias fundadoras; 5. inserem-se em províncias de forte identidade; 6. significam, cada qual a seu modo, a summa cultural das suas respectivas regiões. Para ser possível traçar essa comparação, torna-se imprescindível recorrer a certos apartes extraliterários.

A Questão Histórico-Geográfica

Embora o próprio Vitorino Nemésio tenha dito em frase célebre que a geografia, para nós, vale tanto quanto a história (3), não se deseja, aqui, retomar teorias - e muito menos discuti-las - que pretendem determinar o carácter de um povo (se é que este possa existir) a partir das condicionantes externas; mas é inegável que a literatura, como formadora da cultura, habitualmente serve-se desses elementos para a criação do clima ficcional, de personagens e de conflitos: isso ocasionará a existência de temáticas e de figuras, que, de certo modo, sintetizam o ambiente em que vivem, e são responsáveis por uma dada galeria de personagens. O assunto parece ser mais evidente em se tratando de literaturas regionais, que buscam nos espaços não-urba-nos os seus grandes cenários. Ademais, a ambiência física coordena-se com os eventos humanos ali ocorridos, e a diade geografia-história torna-se inseparável. Assim sendo, cabe, ao menos de maneira superficial, lançar uma vista de olhos sobre esses factores extrínsecos.

O Rio Grande do Sul, formado pela ocupação de imensas planícies desérticas, teve na guerra - primeiro contra os castelhanos e depois contra o Império do Brasil - a sua grande epopeia. De facto, a incerteza das linhas fronteiriças acabou por determinar a conquista de território, e isso foi feito à custa de operações bélicas mais ou menos bem sucedidas. Por outro lado, a formação económica da estremadura meridional brasileira, dependente por inteiro da pecuária extensiva, deu origem ao gaúcho, um ser profundamente adaptado à terra e dela dependente: aprendeu a usar o cavalo como meio preferencial para vencer as enormes distâncias; habilitou-se ao uso da bo-lea-deira dos índios (com a qual apanhava o gado); inventou a salga da carne excedente, dando-lhe a forma de charque, item essencial à sua alimentação; soube defender-se do frio vento minuano com o poncho, herdado dos indígenas andinos; teve de resignar-se à ausência da padres, de igrejas e escolas; intuiu logo que dependeria do barro e da palha de santa-fé para edificar as suas habitações primitivas, a que chamou de ranchos, e, por último, aprendeu a guerrear à lança, adaga e pistola: em primeiro lugar contra os inimigos externos, logo depois contra os outros brasileiros. Nesse quadro, agravado pela rarefacção demográfica, é compreensível que as qualidades individuais suplantassem as colectivas, e então temos uma figura de homem auto-suficiente, muitas vezes obrigado a longos períodos de permanência afastado de toda civilização e, até, dos menores centros, devendo providenciar por si mesmo os meios necessários à vida. As cidades surgiram tardiamente, e como um apêndice da vida rural - na maioria das vezes, as habitações citadinas, para as classes mais abastadas, serviam apenas para os meses de Inverno.

Já o Arquipélago açoriano teve de ser conquistado palmo a palmo, ultrapassando mil dificuldades naturais e impondo-se à força dos elementos, mormente às erupções vulcânicas e aos sismos. Não havendo grandes extensões territo-riais, a actividade económica foi determinada por essa contingência, e então tivemos uma preponderância da pesca, do trabalho agrícola - nos seus diversos ciclos - e da pequena criação de gado. A actividade associativa, forjada pela vizinhança compulsória, exigiu o trabalho solidário para enfrentar os percalços. Acresça-se a isso o isolamento do território continental, determinante da busca de recursos à sua própria conta. A pensar-se nas actuações produtivas que complementam esse modelo, verifica-se que a caça à baleia, em especial a realizada no Pico, criou uma outra forma de colaboração entre os indiví-duos: é exactamente o tipo de trabalho que só pode ser realizado de forma conjunta e harmónica, com distribuição rigorosa de tarefas. O mesmo se pode dizer do trato da vinha, tanto na Terceira como no Pico, ou, ainda, do cultivo do ananás em São Miguel. Ao fim e ao cabo, a forma de apresentação da economia açoriana passou historicamente pelo trabalho cooperativo e, dizemos nós, gerador de uma massa anónima de trabalhadores. Atente-se também para o facto de que nos Açores não houve a guerra a produzir gerações de combatentes; as guerras, especialmente as antigas, facilmente determinavam o surgimento de líderes castrenses que, via de regra, acabavam nos livros de História, os seus nomes tornavam-se populares e, por consequência, as suas qualidades - reais ou fictícias - terminavam sobrevalorizadas, dando origem aos heróis convencionais que, eventualmente, tornaram-se heróis de romance.

Pelo que foi visto, diferem substancialmente os vectores histórico-geográficos do Rio Grande do Sul e dos Açores; ipso facto, verificou-se a criação, por parte da literatura, de caracteres humanos diferentes, ambos guardando sintonia com tais condicionantes. É o que se quer ver ao tratar-se da questão literária.

A Questão Literária

Surgida na década de quarenta do século XX, a Literatura do Rio Grande do Sul singulariza-se por haver nascido em pleno Romantismo - no Brasil, sempre foi tardio no jogo das influências - sem, portanto, cruzar com todas as antecedentes etapas culturais. A ausência de maior tradição ensejou o surgimento de determinados tipos, e entre estes está o gaúcho mitificado como Centauro dos Pampas ou Monarca das Coxilhas. Colectivo como cliché, é entretanto individual no sentido de ser protagonista da acção dramática, normalmente exercendo um papel decisivo pelas suas qualidades morais de valentia, espírito guerreiro, hombridade, cavalheirismo, lealdade, patriotismo, etc. (4). Foi objecto de inúmeras obras, tanto na prosa como na poesia, e encontrou o seu ponto de máximo cultivo no



Uma folha dos manuscritos de Mau Tempo no Canal. Propriedade da Biblioteca Nacional, Lisboa.



Mau Tempo no Canal



Casa natal de Vitorino Nemésio. Praia da Vitória.



Casa das Tias, Praia da Vitória. Construção do século XVIII, restaurada no século XIX. Aqui Vitorino Nemésio viveu parte de sua infância e juventude. Foto antiga.

Partenon Literário, espécie de Academia de Letras à qual acorriam os intelectuais do século XIX. As gerações posteriores só fizeram consagrar essa hagiografia leiga, e aí temos nomes como de João Simões Lopes Netto, autor de obra significativa e que, no entanto, não chegou a questionar o estereótipo; isso só viria ao correr nos anos 30 deste século, com a obra de Cyro Martins, autor da célebre trilogia do Gaúcho a Pé, na qual se mostra uma outra face do Centauro: a do camponês destituído de terras e obrigado a aumentar o cinturão de miséria das grandes cidades.

O início da publicação de *O Tempo e o Vento* ocorre justamente num momento em que começava a discussão do mito, e por isso estabelece uma espécie de contraponto às ideias que então mobilizavam a inteligência gaúcha. O primeiro volume, intitulado *O Continente*, tem como cenário os primeiros tempos do Rio Grande, quando o território ainda era praticamente desabitado, à exceção do fenómeno das Missões Jesuíticas. Aí vemos uma família, os Terra, vivendo no pampa e dele extraindo a sua rude subsistência; avulta uma figura feminina, Ana Terra, que, com as suas virtudes de constância e lealdade, servirá de exemplo às mulheres posteriores dessa obra romanesca, em especial a Bibiana Terra, que vem a casar-se com o Capitão Rodrigo Cambará, dando origem à dinastia Terra-Cambará. O Capitão Rodrigo aparece na narrativa (e na vila de Santa Fé) de modo fulgurante, quase mágico, com o seu ar soberbo de macho, olhar devastador, violão às costas, dólman militar de tantas guerras de que participou - enfim, uma ideia-lização. E nem poderia ser diferente: ele não é apenas um ser humano individual, mas significa e simboliza uma História de individualidades. Aliás, o próprio autor assim se refere à sua personagem, em *O Escritor Ante o Espelho*:

Há tipos óbvios e inevitáveis. O problema é como aceitar a inevitabilidade sem cair no estereótipo. A palavra "gaúcho" está associada com o nosso espírito a termos como macho, bravo, violento, mulherengo, aventureiro, nobre, generoso... Talvez eu não esteja muito longe da verdade se disser que, antes de ter o corpo e nome, o Capitão Rodrigo era uma ideia no meu cérebro - de certo modo o símbolo duma estirpe e duma época (VERÍSSIMO, 1966, p. 85).

A partir da sua chegada, o Capitão monopoliza as atenções da vila e, diga-se, polariza ódios; a sua actuação ganha importância no pequeno aglomerado urbano, e ele será o grande protagonista da acção dramática. Seu descendente, Dr. Rodrigo Cambará, um século mais tarde, não lhe fica atrás na idealização. Ambos, Capitão e Doutor, à sua maneira e nas suas épocas, servem de cristalização de todas as virtudes pessoais habitualmente ligadas à figura do homem do pampa. São condutores, levando em frente os acontecimentos, interferindo na História e construindo-a através dos seus gestos; nada passa sem a sua intervenção.

Perpassando outras personagens de *O Tempo e o Vento*, percebe-se a busca de uma síntese, e assim temos Fandango, o capataz de estância que assume todos os requisitos de lealdade do homem do campo ao seu senhor; Licurgo Cambará é o resumo da força e da valentia indomável; Maria Valéria apresenta-se como o modelo da mulher gaúcha tal como a vê o imaginário da literatura: forte, sábia, conselheira e dominadora de homens; contrasta com Luzia Silva Cambará, representação da misteriosa Salamanca do Jarau, que possui qualidades de encantamento e feitiço, simbolizando toda a mágica que percorre as lendas do Rio Grande do Sul. *Mau Tempo no Canal* - desnecessário contextualizá-lo literariamente, vista a especialização dos participantes deste evento - pertence a um outro quadro histórico.

Logo ao surgimento da obra, disse Albano Nogueira que

mais do que romance de pessoas, ele é, antes, o romance de um aglomerado social; mais do que o romance de um qualquer aglomerado social, ele é, antes, o romance de uma ilha açoriana (5).

Essa avaliação, surgida ao calor da leitura e, portanto, sujeita a erro, mostra-se entretanto mais válida do que nunca. Embora a grande protagonista seja Margarida Clark Dulmo, personalidade psicológica complexa e cambiante, trabalhada em profundidade e densidade pelo narrador - a ponto de erigir-se em construção antológica e destinar-se a ser fonte de inúmeras exegeses -, não é demais lembrar que se trata de descendente da tradicional família. Como tal, integra-se de modo perfeito a seu meio, dele provém e por ele é marcada em todas as etapas do romance. Margarida é açoriana, e mais, é faialense. Essas condicionantes fazem com que seja uma personalidade característica e forte, mas não ao ponto de possuir relevância no processo histórico - o que, aliás, nem era intenção de Vitorino Nemésio.

Como diz acertadamente José Martins Garcia em *Vitorino Nemésio - a Obra e o Homem*,

Mais do que entidades romanescas, as suas [de Mau Tempo no Canal] personagens são revelações da diossincrasia da comunidade açoriana (GARCIA, 1979, pp. 114-115).

Margarida é alguém que, se não transforma a realidade, possui contudo as luzes necessárias para discuti-la, e aí está o traço diferenciador. Se as mulheres de *O Tempo e o Vento* comandam o mundo masculino do fundo dos seus fogões, e o fazem por visceral intuição, aprendida no quotidiano, já Margarida age por dedução, o que implica uma estrutura sofisticada de pensamento - o que não a habilita, entretanto, a alterar o rumo dos acontecimentos. Como voz de reflexão e de crítica, Margarida sabe entretanto que há uma superestrutura (ou infra-estrutura?) social que a condiciona, estabelecendo-se um jogo paradoxal de consciência e submissão simultâneas. Por mais que a protagonista ganhe consciência do seu processo de crescimento e das suas possibilidades de decidir o seu rumo pessoal, há sempre o conjunto dos desideratos colectivos a estabelecer o limite.

A caça à baleia, narrada no capítulo XXIX, é emblemática. Nessa acção colectiva - o acto da caça - habitualmente participam apenas os homens da ilha. Margarida segue junto contra a vontade da população dos barcos, num gesto de ousadia e destemor; a sua participação no movimento narrativo, torna-a coadjuvante: importa, aqui, o conjunto articulado daquelas acções individuais, e os homens agem como se fossem um só. Nem tanto por ser mulher é vista com espanto naquele meio, mas por não pertencer à grei dos baleeiros. Personagem semelhante (mas não igual) a ela, em *O Tempo e o Vento*, é Floriano Cambará, protótipo do fim da raça, o intelectual que pode possuir agudo senso crítico, mas que sofre o peso de uma História e de uma genealogia seculares, povoadas por avoengos façanhudos e transformadores dos seus tempos. Floriano existe, pois, para convalidar toda uma urdidura familiar de varões ilustres.

Em *Mau Tempo no Canal* é evidente e sintomática a pluralidade de personagens ancilares: para mais de uma centena, nos quais se incluem baleeiros, criados, cocheiros, escreventes, escrivães, praticantes de farmácia, bibliotecários, enfim, a lista de figurantes seria inumerável. É certo que se destacam algumas personagens, e passam ao primeiro plano, mas o peso das figuras de apoio acabam por formar um espectro populacional que parece agir como um todo; e não é apenas uma previsibilidade menor e tendente à criação de tipos, mas comportam-se como participantes de uma solidariedade orgânica (para lembrar Duguit), realizando trabalhos diversos na qualidade e na quantidade, mas visando todos à realização dos propósitos sociais.

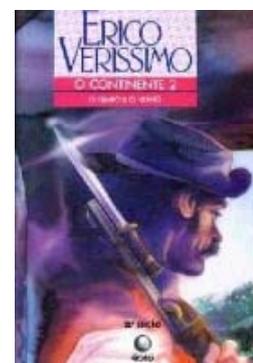
Em *O Tempo e o Vento*, ao contrário, são as poderosas autonomias das individualidades que levam à frente o enredo e dão o tom geral da narrativa, alterando-a de acordo com as suas intenções. O papel dos coadjuvantes reduz-se a servirem pontualmente ao desenvolvimento da trama, e são logo substituídos por outros, e não há episódio que provenha de um movimento colectivo: mesmo expressando-se de forma colectiva, este tem na sua raiz uma acção pessoal de um certo herói (protagonista) individualizado. Isso vale em especial para as tantas revoluções retratadas, desde a dos Farrapos, passando pela de 1893 e 1923; todos esses movimentos decorrem de decisões de líderes aventureiros, que decidiam os rumos da comunidade levados por impulso. Bem diferente



O canal.



Erico Verissimo (1905-1975)



O Continente - 1ª parte de O Tempo e o Vento.



Casa natal de Erico Verissimo, na cidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul.



O pampa gaúcho, onde ocorre a maior parte da trama de O Tempo e o Vento.



em Mau Tempo no Canal: são as personagens de segundo e terceiro plano que movimentam, dão unidade à urdidura romanesca, de modo a não ser possível particularizá-las, mas é a superposição de tantas faces que acabam por formar um rosto compósito. Margarida Clak Dulmo, em que pesa a sua forte personalidade, e, dentro da trama, aparece como principal em relação às outras personagens - mesmo em relação a João Garcia -, não deixa de evidenciar que ela assim é porque há um tecido social que a ampara e lhe dá legitimação, mesmo para as suas acções mais "originais". Há toda uma teia de interesses colectivos cruzados, que não são de hoje, algo como uma predestinação.

É por demais evidente que são essas personagens secundárias, muitas vezes identificadas apenas por uma alcunha ou a sua profissão, que estabelecem o "chão cultural" no qual são abertas as estradas reais das personagens com vida própria. João Garcia, que poderia ser o pendant narrativo de Margarida Clak Dulmo, dissolve-se nas forças mais poderosas das conveniências, bem a calhar de seu espírito irresoluto e da sua tendência de eclipsar-se perante a fatalidade. E assim surge Margarida como a única figura ficcional que seria capaz de algo para alterar o curso dos factos - mas se filosofa a respeito deles, nada mais pode fazer do que isso, o que é demonstrado pelo seu casamento convencional com André Barreto. Enfim, vence a teia social e impõe-se a trajectória colectiva sobre a aventura pessoal.

Marcado por heróis individuais, comandado por eles, *O Tempo e o Vento* corresponde pois a uma literatura que erigiu personalidade única como a real transformadora. Já em *Mau Tempo no Canal*, percebemos que emerge uma figura de heróis, a saber, o povo açoriano, que, visto como uma unidade, torna-se o protagonista maior. E este povo que toma a palavra e o seu próprio destino, visto que, mais do que alguém que o comande, sabe o quanto a sua existência depende da soma das diferentes iniciativas individuais.

REFERÊNCIAS

GARCIA, José Martins. Para uma Literatura Açoriana. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1987.
GARCIA, José Martins. Vitorino Nemésio: A Obra e o Homem. Lisboa:
NEMÉSIO, Vitorino. *Mau Tempo no Canal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002. Biblioteca de Autores Portugueses, 8.
VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*. In *Ficção Completa*. Rio: Aguilar, 1966. Vol IV. VERISSIMO, Erico. O escritor diante do espelho. In *Ficção Completa*. Rio: Aguilar, 1966. Vol III.

NOTAS

(1) Nasceu na Praia da Vitória, ilha Terceira, em 1901, e faleceu em 1978 em Lisboa. Frequentou a Universidade de Coimbra e foi professor da Faculdade de Letras em Lisboa, tendo também ensinado no Brasil, França, Bélgica, Espanha e Holanda. Além de professor e escritor, dedicou-se à televisão, tendo apresentado um programa cultural durante alguns anos. Da sua colaboração em jornais, destaca-se a direcção de *O Dia*, em 1975, e também ganhou notoriedade na revista *Presença*. OBRAS: *Canto Matinal* (1916), *O Paço do Milhafre* (1924), *A Casa Fechada* (1937), *Mau Tempo no Canal* (1944), *O Mistério do Paço do Milhafre* (1949), *Sapateia Açoriana* (1976), entre outras.

(2) Nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, em 1905, e faleceu em 1975, em Porto Alegre. Começou os estudos em Cruz Alta, fez o ginásio em Porto Alegre, mas aos 18 anos precisou de abandonar a escola para trabalhar. Trabalhou como ajudante de comércio, bancário, proprietário de farmácia, foi Conselheiro Editorial e tradutor da Editora Globo. Tornou-se conhecido na exterior, principalmente nos EUA, onde leccionou Literatura Brasileira e, em 1953, a convite da Organização dos Estados Americanos, dirigiu o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. Escritor de estilo despojado, "contador de histórias" como referia a si mesmo, uma das grandes expressões da moderna ficção brasileira. OBRAS: *Fantoches* (1932), *Clarissa* (1933), *Lugar ao Sol* (1936), *Olhai os Lírios do Campo* (1938), *Gato Preto em Campo de Neve* (1941), *A Volta do Gato Preto* (1947), *O Tempo e o Vento: O Continente* (1949), *O Retrato* (1951), *O Arquipélago* (1961/2), *Incidente em Antares* (1971), entre outras.

(3) "Açorianidade". In *Insula*, n.os 7-8. Ponta Delgada: Jul-Ag, 1932, p. 59.

(4) Parece haver uma conexão entre o herói clássico e os espaços abertos: é neles que o herói vai encontrar a possibilidade do feito heróico, o qual se caracteriza por uma ruptura e transformação da realidade colectiva. O caso de Cid é exemplar, igualmente o D. Quixote e Ulisses.

(5) In *Litoral*, n., 4, Out-Nov 1944. pp. 459-461.

Indique este artigo para um amigo

Entre em contato com o autor deste artigo

Comunicar a Direcção do Portal um erro ou denunciar conteúdo impróprio